

a lei dos corações perdidos

série leis do coração, livro 1

mariana faria

**ESTE LIVRO
É DEDICADO A TODA
A GENTE QUE TEM
UM SONHO.**



PRÓLOGO



FEVEREIRO 2010

Este restaurante parece mais pequeno que o normal. Não sei se talvez seja por estar cheio numa noite de sexta-feira, mas aposto que é apenas um efeito secundário de crescer. Ontem tinha onze anos e hoje tenho doze. Também somos doze aqui. Doze raparigas, uma por cada ano que eu existo. Eu queria convidar mais pessoas, mas a mamã disse que era muita gente. Aparentemente doze pessoas é perfeito para o décimo segundo aniversário.

Não tenho fome, mas tenho de comer, porque se não comer nada, o papá zanga-se e o papá nunca se pode zangar. O meu estômago dá voltas a cada dentada de *pizza* e o meu coração corre rápido no meu peito. Quer escapar, quer ser livre, mas não pode, pois ser livre não é ser perfeito e eu tenho de ser perfeita.

A minha melhor amiga, Courtney Santiago, vai contanto anedotas, fazendo-nos rir. Eu quero rir o mais alto que a minha voz consegue, mas sei que tenho de me comportar, dar uma boa imagem e manter a postura. Não sei porque me sinto assim tão estranha hoje. Será que é o que acontece quando se faz doze anos? Será que todas as minhas amigas vão sentir o mesmo? Será que a mamã sentiu o mesmo? Quero muito saber, quero perguntar, mas as palavras enrolam-se na minha garganta e nada consegue sair. Sei perfeitamente que não se pode fazer este tipo de perguntas, não são apropriadas para pessoas perfeitas.

O empregado espera que todas acabemos os nossos jantares para trazer o meu bolo de aniversário, mas bolo é provavelmente a última coisa que me apetece agora. A mamã não pode estar aqui hoje, teve de ir até casa da tia para a ajudar, pois ela está doente e levou o meu irmão, James, com ela. É o primeiro ano que a mamã falta ao meu aniversário e isso deixa-me triste. O papá

disse que também não podia vir porque tinha um jantar importante, mas que me vinha buscar quando terminasse. Sei que um deles está a mentir, mas não posso fazer perguntas, senão é mais um segredo para eu guardar. Talvez seja por isso que não tenho fome, estou demasiado cheia de segredos. Guardo os segredos da mamã, os segredos do papá e os meus segredos. Tento que em nenhum momento os segredos transbordem por todo o lado, causando uma inundação. Isso, sim, faria o papá zangar-se muito.

O restaurante diminui a luz e todas as pessoas cantam para mim, mesmo quem não me conhece. O aniversário é uma coisa divertida para todos, menos para mim. Afinal, se não fosse a minha melhor amiga, estaria sozinha, pois mais ninguém que importa quis vir. Sorrio educadamente, mas o sorriso não é genuíno, aliás, acho que nunca na vida forcei tanto um sorriso como agora. Os segredos estão a acumular na minha garganta, quero chorar, quero que parem de cantar para mim, eu não mereço que cantem para mim, eu não sou perfeita como devia ser. A minha visão escurece ao aproximar-me das velas para as soprar e pedir o meu desejo: *Nunca mais quero ser perfeita, nunca mais quero ser perfeita...* repito para mim mesma.

Remexo na minha fatia de bolo, fazendo de conta que como. Olho o relógio de parede do restaurante vezes e vezes sem conta. Já são dez da noite. Suspiro de alívio à medida que, uma a uma, as minhas convidadas são levadas para casa pelos pais. Sinceramente não sei porque sou amiga delas, se me perguntassem porquê não seria capaz de responder. São apenas filhas de pessoas de quem o papá gosta. Apenas a Courtney faz sentido estar aqui, ela é a única pessoa que é minha amiga de verdade e simplesmente por um motivo: ela não é perfeita, os pais não são perfeitos. O meu papá não gosta deles, e eu adoro-a por ter pais de quem ele não gosta. Ela é tudo aquilo que eu queria ser e não posso.

Quando os pais dela chegam, dou-lhe um abraço forte e tenho de morder a língua para não chorar com a sua ida, pois esta é a última vez que vejo a única amiga na minha vida que faz sentido existir. A Courtney vai mudar-se para França porque o pai dela recebeu uma oportunidade de trabalho lá. Ela explicou-me o que era, mas sinceramente não consegui entender, deixei de a ouvir falar a partir do momento em que ela disse que se ia embora. Amanhã é o voo e com ela vão todas as minhas oportunidades de ser uma adolescente normal, cheia de disparates e aventuras, como as que vemos nos filmes. Aposto que a França vai ficar muito mais divertida, agora que ela vai para lá. Quando me afasto do seu abraço, ela leva a mão ao bolso, retirando um pequeno e fino embrulho.

— Feliz aniversário, Emma. — Agarro o pequeno embrulho com algum receio. O papá disse que não podia aceitar presentes pois nós temos muito dinheiro e parece mal, mas este vai ser o único e último presente dela, tenho de o aceitar. Quando abro, sorrio largamente ao observar a tatuagem temporária em forma de pena. Uma pequena lágrima rola pelo meu rosto e não é preciso dizer nada, ela sabe o quão especial este presente é para mim. Nada poderia simbolizar melhor a nossa amizade como uma tatuagem temporária.

Digo adeus aos pais dela antes de entrarem no carro e se afastarem pela última vez. Fico sentada nas escadas do restaurante à espera de que o papá apareça, mas isso não acontece. Passam-se algumas horas até o último empregado sair do restaurante e me instruir que devo ir para casa antes que fique muito tarde. Tenho medo, não sei se aconteceu alguma coisa ao papá e não quero ir para casa sozinha. *E se acontece alguma coisa? E se chego a casa e o papá aparece aqui? E se ele se esqueceu de mim?* O empregado volta a mandar-me embora e percebo que não tenho opção senão ir embora. Solto o cabelo do meu puxo apertado que me faz doer a cabeça, deixando-o absolutamente imperfeito por causa da marca do elástico. Respiro fundo e ganho coragem para começar a andar. Não vivo muito longe daqui e por isso deixo de me importar de caminhar sozinha. O papá deve ter ficado preso no trânsito ou o jantar atrasou-se.

É meia-noite, já é março. Ontem era fevereiro, dia 28, mas esse não é o meu aniversário. O meu aniversário só é celebrado de quatro em quatro anos, pois eu sou uma daquelas pessoas estranhas que decidiram nascer no único dia do ano que é imperfeito e livre de aparecer apenas quando quer. Fazia sentido que isso me ajudasse a ter a mesma independência e liberdade, mas temo que isso só tornaria a minha vida cada vez mais controlada por aquilo que os outros decidem por mim.

Apesar de estar bastante frio, as minhas pernas tapadas por uns *collants* finos aguentam bem a temperatura, mas por algum motivo, cada passo que dou torna-se mais e mais esforçado. Sinto-me como se os meus pés tivessem pedras sobre eles, impedindo-me de caminhar. Podia ser por estar com eles gelados, mas isto é tudo porque não quero chegar a casa, não quero voltar à perfeição aparente que é a minha vida, quando na verdade por detrás da grande porta de madeira escura do meu alpendre em mármore encontram-se apenas coisas tristes.

As luzes dos candeeiros de rua piscam, fazendo-me olhar para a direita. Não acredito que andei este tempo todo e não reparei no enorme acidente

que aconteceu numa das ruas paralelas à principal onde me encontro. Um conjunto de ambulâncias e carros da polícia rodeiam um carro preto completamente desfeito e virado ao contrário. Nunca tinha visto um acidente assim, espero que ninguém se tenha magoado, mas é quase impossível isso ser verdade. Fico parada a observar todo o aparato. Sinto imensa curiosidade em saber o que se passou, mas um dos bombeiros repara em mim e manda-me embora. O acidente traz-me novamente lágrimas aos olhos, não só pelas pessoas que se magoaram, mas também por perceber que eu própria vivo num gigante acidente.

Finalmente chego a casa. Quando abro os enormes portões de ferro verde que dão acesso ao jardim da entrada, o meu coração acelera. Olho em redor à procura do carro do papá para tentar perceber se ele está em casa. Não consigo vê-lo, mas também pode estar dentro da garagem. Passeio pelo alpendre da entrada durante algum tempo na esperança que o papá apareça de repente e assim encontra-me aqui, sã e salva, mas está demasiado frio para ficar cá fora. Se calhar o papá está em casa e adormeceu; se calhar está preso no trânsito, ou se calhar simplesmente esqueceu-se. O que quer que seja, não posso ficar aqui mais tempo e por isso coloco as chaves na porta e começo a empurrá-la com toda a minha força. Abro-a com confiança, tentando fazer o mínimo de barulho possível. Pode ser que o papá esteja a dormir e eu consiga fugir para o quarto. Um barulho de algo a partir chama a minha atenção para a sala. Assim que viro o rosto na direção do som, as correntes que me prendiam à nossa família perfeita partem-se para sempre.

CAPÍTULO 1

EMMA



DEZEMBRO 2023

Acordo com um sobressalto e suprimo um grito com a mão a tapar a boca. Levo-a em seguida ao peito e dentro dele o meu coração perde o controlo dos seus próprios batimentos. Respiro de forma descontrolada e levo alguns segundos a perceber que hoje não é aquele dia, já passaram treze anos e isto foi apenas um pesadelo. Ainda está escuro na rua, é demasiado cedo para o sol de dezembro se fazer ver. Durante inverno é sempre tímido e demora imenso a levantar-se. De certeza que o frio de Nova Iorque não ajuda. Eu entendo-o, também não me apetece mesmo nada sair do conforto da minha cama. Atiro-me para trás voltando a deitar o corpo suado e nervoso sobre o colchão fofo. Vou recordando todos os detalhes do meu pesadelo. Neles a situação nunca é clara, há sempre detalhes que a minha mente deixa de fora e tenho tendência a acordar antes da parte que me assombra a vida. Ultimamente os sonhos têm sido mais detalhados. Cada vez que os tenho, um pormenor é acrescentado. Pormenores esses que o meu eu desperto nunca se iria conseguir lembrar. Bufo bem alto e esfrego a cara com as mãos, tentando afastar estes pensamentos. Sento-me na berma da cama e decido levantar-me para caminhar até à janela e afastar as cortinas, de forma a deixar entrar a pouca luz do exterior. São exatamente seis da manhã e o ar frio de dezembro entra pelas frestas da janela, fazendo o meu braço arrepiar-se. Encosto a testa no vidro, como se a sensação gelada conseguisse resfriar as minhas emoções. Sei que não funciona dessa forma, mas ainda assim sorrio com o meu próprio pensamento, sendo apenas interrompida com o som de alguém a bater à porta do meu quarto:

— Sim? — respondo, dando permissão a quem quer que seja para entrar. O meu irmão, James, abre a porta gentilmente e olha em redor do

quarto como se estivesse aqui pela primeira vez. Quando os seus olhos voltam a encarar-me, a sua expressão é de absoluta reprovação. Às vezes, a maneira como me encara é tão parecida com o nosso pai que me causa arrepios. — Ainda é de manhã e já estás de mau humor? — riposto, quando me viro da janela para o encarar. Cruzo os braços e continuo a observar os seus movimentos cuidados.

— Não é nada, não estou de mau humor. — James volta-se para trás para fechar a porta branca do quarto e começa a caminhar até mim. — O pai hoje está bem-disposto, por favor, não estragues tudo. Era bom poder passar algum tempo de qualidade com ele — declara enquanto se senta no fundo da minha cama, amassando os lençóis de seda branca. James penteia com as mãos o cabelo castanho que definitivamente precisa de ser cortado, caindo-lhe desalinhado para um lado da sua cabeça.

Suspiro ao olhar para ele e para a sua inocência. O meu irmão tem uma forma bastante diferente de lidar com John Montgomery. Desde aquela noite que deixei de lhe chamar pai e passei a chamar John, pois não acho que ele seja merecedor desse título. James limita-se a aceitar a nossa dinâmica familiar de forma a não causar confusões. Ao contrário dele, eu disponho-me a enfrentá-lo. Já perdi conta ao número de vezes que tentei que a nossa mãe, Edith, acabasse com este casamento ridículo. Tenho de morder a língua algumas vezes antes de lhe responder. Por um lado não quero estragar a felicidade do meu irmão, mas por outro sei que não posso fazer promessas que não posso cumprir.

— Vou tentar o meu melhor, mas não prometo nada — afirmo. O sorriso que lhe surge no rosto faz brilhar os seus olhos azuis-oceano. Sinceramente hoje vai ser difícil manter a calma, o meu pesadelo me lembrou de tudo o que odeio em John.

— Obrigado, Emma, vais ver como ele hoje está bem! Anda todo contente a organizar o jantar de Natal. Já sabes que ele nesta altura fica mais calmo. — James levanta-se da minha cama e abraça-me com força.

Ele não fica mais calmo, apenas tem mais cuidado para não ser apanhado. Decido não contrariar James e retribuo o seu abraço encostando a cabeça nele. Só nesse momento reparo que está vestido com um fato cinzento, camisa branca e gravata cinzenta a combinar. Afasto-me para apreciar melhor a sua roupa e não consigo conter o riso ao olhar para ele. James olha-se de alto a baixo no meu espelho de corpo inteiro que está no canto do quarto. As suas mãos afagam as lapelas do *blazer* como se estivesse à procura de algum defeito no tecido.

— De que é que estás a rir?! Se tenho alguma coisa no fato, diz-me para eu ir arranjar! — pergunta-me completamente em *stress*. Nego com a cabeça e aproximo-me dele para dar um pequeno jeito na gravata.

— Não tens nada no fato mas acho que estás a exagerar. Vais para a universidade, ainda não és advogado. Umas calças de ganga não eram o suficiente? — O rosto pálido dele ruboriza com a minha observação, mas ao mesmo tempo parece chateado por eu me estar a rir. Tapo os lábios com a mão, tentando parar, mas vê-lo tão nervoso com a aparência é simplesmente hilariante.

— Sabes que na universidade há muita gente que conhece o nosso pai e pensam que eu só estou lá por ser filho dele. Tenho de causar uma boa impressão, não achas? — O seu olhar baixa ao falar. Cruzo os braços e começo a abanar a cabeça, revirando os olhos ao mesmo tempo. Às vezes pergunto-me se realmente partilhamos alguma genética, não podíamos ser mais diferentes nem se tentássemos. Não vou dizer que não gosto de andar arranjada pois isso seria mentira, mas não o faço porque me preocupo com o que os outros vão pensar e muito menos por ser filha do John Montgomery.

— Só me estás a dar razão. Se as pessoas já acham isso tudo, imagina o que vão pensar quando te virem sempre de fato? Acho que deverias manter a discrição, mais nada. — Afasto-me um pouco dele e começo a procurar as minhas calças que ontem deixei espalhadas pelo quarto. Isto está uma confusão e o facto de o quarto ser enorme só me dá mais espaço para deixar tudo por todo o lado. Vejo James continuar a encarar-se no espelho, ponderando sobre o que lhe estou a dizer. — Se fores assim, vão todos pensar que tens a cabeça do tamanho deste quarto e que te achas melhor que toda a gente. Olha eu, por exemplo, estou no último ano do mestrado e ninguém sabe quem eu sou. — Agarro as calças que finalmente encontro e entro no *closet* para encontrar uma camisola bem quente para vestir. James vem ter à porta do *closet* e apoia-se na ombreira da porta.

— Mas isso é porque estás a estudar História, como é óbvio ninguém vai conhecer o pai, ninguém nesse curso olha para as pessoas importantes do presente, vocês só olham para o passado. — Levanto o olhar para ele, um pouco magoada com a sua afirmação. — Não olhes para mim assim. Podias ter sido uma advogada incrível, mas gostas de estar sempre a falar do passado e das coisas que já não interessam para nada. — James caminha para a porta, decidido a não seguir o meu conselho sobre a sua roupa. Antes de sair, olha em redor do meu quarto e suspira. — Sinceramente, Emma, eu sou mais novo que tu e sei manter o meu quarto sempre perfeito.

O meu coração pesa ainda mais. Perfeito. A palavra que atormenta os meus pesadelos e toda a minha existência. *Hoje tens de estar perfeita, Emma; O teu cabelo não está perfeito, Emma; Estou desiludido, Emma, isto tinha de ser perfeito.* Olho em redor para a confusão instalada no meu quarto que quase esconde a elegância das paredes brancas decoradas com *boiserie*¹. Sento-me aos pés da cama no mesmo sítio onde o corpo do meu irmão deixou uma concavidade no edredom. Tento respirar fundo algumas vezes, pedindo a mim mesma para afastar todas as memórias dos momentos onde a perfeição me era exigida. Não só o meu irmão foi apanhado por esta mania das aparências de John, mas também fez questão de me dizer que eu devia ser mais como ele e ser advogada, o que deixaria o nosso pai orgulhoso. A verdade é que não sou advogada porque isso faria o John feliz, e quem precisa de ser feliz sou eu. Gosto de história porque perceber como as ações do nosso passado afetam o nosso presente, previne imensos erros e isso também me ajuda um pouco a tentar aceitar a minha própria história. Decido ignorar por completo os comentários do meu irmão e continuar com a minha rotina matinal.

Quando finalmente saio do quarto, sinto-me pronta para enfrentar mais um dia. Às vezes parece que cada manhã é o início de uma nova batalha que nem sempre consigo vencer. Percorro o imponente corredor branco e detalhado, caminhando sobre o tapete que o percorre. O som dos meus sapatos ecoa alto e há alguma coisa nesse som que me enche de confiança. Vou olhando para os quadros clássicos e retratos espalhados pela parede, tentando adiar a minha descida ao andar de baixo o máximo possível. Alguns empregados vão passando por mim, atarefados com as coisas da manhã. Todos me dizem «bom-dia», ao que eu respondo com um pequeno aceno de cabeça. A mansão é extremamente clássica e elaborada, todas as paredes e tetos são decorados com esculturas e ladrilhos, tudo em tons de branco e dourado. Agarro o corrimão da escadaria central e preparo-me psicologicamente para enfrentar John. Assim que entro na imponente sala de jantar, um silêncio constrangedor instala-se automaticamente. Olho em redor e aproximo-me da minha mãe para lhe dar um beijo na face:

— Bom-dia, filha — diz-me, carinhosamente. Sorrio para ela e sento-me ao lado do meu irmão, tentando evitar olhar para John.

— Bom-dia — repito, enquanto retiro um pão da cesta do meio e me sirvo de uma chávena de café.

— O Owen e o Parker têm os carros prontos daqui a dez minutos. O Owen vem comigo, vocês vão com o Parker. Despachem-se — afirma John

¹ Painéis de madeira decorativos usados nas paredes das casas.

autoritariamente. Owen e Parker são os motoristas e seguranças da família. Pelo menos isso é o que John quer que pensemos sobre eles, mas eu sei perfeitamente que Owen em particular deveria mais ser chamado de espião que outra coisa. Monitoriza todos os nossos passos, informando sempre o seu patrão de onde estamos, com quem estamos e o que estamos a fazer.

— Eu vou levar o meu carro, quero conduzir. Diga-lhes que não preciso de vigia — respondo, enquanto vou comendo calmamente. James começa a bufar ao meu lado, lembrando-me da promessa que fiz no quarto e que não estou a conseguir cumprir.

— Sabe o quão mal parece os meus filhos chegarem à universidade num carro conduzido por eles? Quando há dinheiro mais do que suficiente para motoristas? — John exalta-se no seu lugar.

Dinheiro, essa coisa que falta a tanta gente e que nesta família há em demasia. Sempre fomos tratados como lordes, com motoristas e mordomos para tudo, tornando-me quase incapacitada de sequer estrelar um ovo. Não é algo do qual tenha orgulho, mas torna mais complicada a decisão de deixar esta casa para sempre.

Ignoro por completo a questão retórica. Acabo de comer e inclino-me para beijar a minha mãe na sua bochecha pálida. James levanta-se da mesa e diz-me que vai buscar o resto das suas coisas. Apenas confirmo com a cabeça e espero que ele saia para reparar melhor no pescoço dela, marcado por umas leves manchas vermelhas. Olho a minha mãe nos olhos e abano a cabeça algumas vezes antes de fulminar John com o olhar.

— Um dia vai pagar caro por isto, nem que seja a arder no Inferno — afirmo com frieza. John levanta-se da cadeira pronto para me dar um sermão, mas não lhe dou tempo para tal. Arranco o casaco da cadeira e vou até ao corredor determinada a chegar ao carro. Ouço passos atrás de mim e por momentos acho ser John para me torturar um pouco mais, mas respiro fundo ao ver a minha mãe a seguir-me.

— Filha, espere. — A sua mão segura o meu braço para me fazer parar de andar. Bufô alto, já sabendo perfeitamente o que ela vai dizer.

— Mãe, por favor, andamos nisto há anos. Já sabe que é só dizer uma palavra e saímos por aquela porta. Deixe-me ajudá-la! — A minha mãe encosta o dedo nos lábios a dizer-me para falar mais baixo.

— Querida, isto não é nada, sou eu que sou uma desastrada e fui contra um móvel lá no quarto. Agora vá, deixe o Parker levar-vos, o seu pai tem razão. Parece que há falta de dinheiro se for no seu carro. — A minha mãe fala alto para que John a consiga ouvir. Paraliso a olhar no dela e engulo a

resposta que lhe quero dar. O meu irmão aproxima-se de nós e inspira o ar para falar, mas antes que o possa fazer caminho rapidamente até ao final do corredor que dá acesso à gigante garagem de cinco carros, ignorando a minha mãe e o seu discurso usual. Passo mesmo em frente a Parker e Owen sem dizer nada, decidida a conduzir o meu próprio carro.

— Miss Montgomery, o carro está pronto para si e para o seu irmão — diz-me Parker ao ver-me aproximar do meu carro. Solto uma leve risada irónica e ignoro-o por completo.

Desligo o carregador do *Tesla* branco e espero no interior pelo meu irmão, rezando para que John não decida perseguir-me até aqui com a sua raiva. Agarro o volante com força e abano a perna freneticamente com o nervosismo a consumir-me. Falhei logo pela manhã na promessa que fiz ao meu irmão. Bato com a cabeça no volante o que faz o carro buzinar bem alto. Nesse mesmo instante a porta do passageiro abre-se. James abraça-me com força e beija-me a fonte.

— As coisas vão melhorar, Emma. Ele vai mudar. Talvez se... — James interrompe a sua frase mesmo a meio. Reviro os olhos e olho-o com os braços cruzados.

— Sim? Podes dizer, eu já sei o que vem daí — afirmo, já cansada de ter a mesma conversa todos os dias.

— Eu só acho que se fizesses mais o que ele pede, as coisas seriam diferentes. Ele não ia andar tão chateado e nada disto acontecia. — Abano a cabeça com vontade de me teletransportar para Marte numa das naves do Elon Musk.

— James, eu não me vou culpar pela merda de homem que ele é. Nem vou nunca deixar de dizer à mãe que há uma saída e que eu a levo até lá. — James parece frustrado com a conversa. Esfrega a cara com força e respira fundo algumas vezes.

— Emma, só a estás a meter em mais sarilhos. Não podemos ajudar quem não quer ajuda. Vive a tua vida, arranja alguém e sai desta casa. Só te quero ver feliz, irmã. — Engulo em seco, processando as suas palavras. Não é nada que ele não me tenha dito antes, mas nunca se torna fácil de ouvir.

As intenções de James são as melhores, mas ele não sabe as coisas que eu sei, nem vê as coisas que eu vejo. John está sempre no seu melhor comportamento perante ele. Sei perfeitamente que não tenho vivido a minha vida, vivo-a em prol da minha mãe. Passo o tempo a tentar descobrir como lhe abrir os olhos e fazê-la feliz, deixando a minha felicidade em pausa. Respiro fundo enquanto penso numa forma de nos distrair da situação.

— Queres ir rápido? — pergunto com expectativa no olhar.

Ele limita-se a colocar o cinto de segurança a medo e a consentir com a cabeça. Sei que ele odeia quando acelero, mas concorda apenas para me fazer feliz de alguma forma. Mordo o lábio, tentando abafar o meu riso ao ver a cara de pânico do meu irmão. Arranco suavemente seguindo o caminho de gravilha até ao portão do jardim que se abre automaticamente ao ler a matrícula do meu carro. Assim que os pneus da frente tocam o alcatrão acelero loucamente por North Fork a caminho da Universidade de Columbia. O meu irmão agarra a porta com medo e arregala intensamente os olhos, o que me faz soltar o lábio e rir da sua figura.

— Emma, eu odeio o teu carro! Odeio! Um carro não pode ir assim tão rápido sem fazer nenhum barulho! — Os seus olhos vão fechando a cada arranque suave do carro, empurrando a sua cabeça para trás até colar ao banco. Percebo que o estou a fazer sofrer e por isso decido abrandar um pouco.

— OK, pronto, eu vou conduzir normalmente, seu cabeça de petróleo. — Abrando o carro ao sair da autoestrada. O trânsito usual de Nova Iorque começa a formar-se e por isso também já não ia conseguir andar rápido por muito mais tempo.

A condução foi precisamente o remédio indicado para a tristeza que estava a sentir. Conduzir tira a minha mente do que está a acontecer à minha volta, dando-me um propósito imediato.

Quando chegamos à Columbia, o meu irmão salta do carro com a mesma pressa com que se sai de uma montanha-russa. Ele dirige-se até à porta e as suas pernas parecem tremer ao caminhar, o que me faz rir. Fico a observá-lo por um momento. James sorri quando encontra Iris, a sua namorada, no meio da confusão e apressa-se a beijá-la com força. O meu irmão costuma dizer-me várias vezes para encontrar alguém e ser feliz. Aliás, diz isso mais vezes do que eu gostava. Para além de ser incrivelmente difícil arranjar alguém capaz de aguentar toda a bagagem que trago, é igualmente complicado eu sentir qualquer tipo de atração emocional por alguém. Não se pode dizer que tenho falta de contacto com o sexo masculino. A verdade é que ao longo dos anos consigo o que quero quando quero, mas assim que a situação começa a desenvolver para algo mais afasto-me de imediato. O medo do compromisso apodera-se de mim. Nunca tive um desgosto amoroso pelo simples facto de que nunca me apaixonei. É incrivelmente difícil alguém que cresce num lar partido aprender a confiar.

CAPÍTULO 2

EMMA



Depois de estacionar o carro no parque da universidade, encaminho-me em passo rápido pelos corredores até encontrar o auditório. Os módulos de outono estão quase a terminar e cada um deles exige uma tese. Tudo isso enche-me de nervos, mas felizmente já estou bem adiantada em alguns deles, principalmente no módulo sobre a Segunda Guerra Mundial, já que sempre foi um tema que me interessou bastante.

Sou das primeiras a chegar à sala, ocupando calmamente um lugar ao acaso. Assim que me sento, não sou capaz de evitar relembrar a conversa com o meu irmão hoje de manhã. Desde aquela noite do meu aniversário que John sabe que sou um caso perdido, portanto acho que nem quis saber quando lhe disse que tinha entrado em História e não ia seguir Direito. Tudo o que ele quer é que o meu irmão não seja como eu, mas sim como ele. Conseguiu. O meu irmão é exatamente aquilo que ele sempre quis.

No momento em que o professor entra na sala, um último grupo de alunos entra com ele, enchendo a sala com um barulho ensurdecedor de pessoas a cumprimentarem-se e a conversar. Agarro o meu telemóvel e decido passear pelas redes sociais e responder a algumas mensagens das poucas pessoas com quem ainda falo. Não é que eu não tenha amigos, apenas não confio em nenhum deles. Não passam de pessoas com quem às vezes saio à noite para me distrair da porcaria que é a minha vida. Passo grande parte da aula a remexer no telemóvel discretamente para que o professor não veja. Não consigo deixar de pensar no meu pesadelo. Reviver tudo aquilo consome-me a alma cada vez que acontece. Ouço o professor clarear a voz e, quando levanto o rosto, percebo que está a olhar diretamente para mim. Sinto as bochechas corar e olho em volta, tentando perceber o que se passa. Vejo toda a gente de olhos postos em mim à espera de que eu diga alguma coisa.

— Miss Montgomery, responda à minha questão, por favor — diz o professor de forma severa. O meu coração bate na minha garganta à velocidade de um comboio. Eu não faço ideia do que ele estava a falar.

— Desculpe, professor, pode repetir a pergunta? — Falo tão baixo que quase não se consegue ouvir a minha voz. O professor encolhe os ombros e suspira chateado com a minha falta de atenção.

— Muito bem, mas não vou voltar a repetir. A pergunta foi se acha que o nosso país fez bem em juntar-se à guerra quando tudo estava a acontecer noutra continente. Porquê pôr em risco a vida dos nossos soldados por uma guerra que não era nossa? — Os seus braços cruzam enquanto aguarda pela minha resposta. Corro pela minha memória à procura de um motivo válido e engulo em seco antes de responder.

— Não podíamos intitular-nos o país da liberdade e da democracia e não intervir. A Alemanha deixou claro que queria conquistar o mundo todo e havia sempre a possibilidade de vencerem. O que aconteceria ao nosso país nesse cenário? Lutamos pelo que acreditamos, pelo que amamos... — Interrompo a minha resposta para avaliar a reação do professor que aparenta rodar o canto do lábio apenas o suficiente para esboçar o mais leve dos sorrisos. Inspiro fundo agora mais calma por saber que estou a dizer algo acertado. — Era nossa responsabilidade proteger aquilo que por tanto lutamos, a segurança e liberdade dos que cá viviam — termino.

O professor apenas alarga o seu sorriso e continua a aula, desenvolvendo a minha resposta com algumas citações e eventos que levaram à intervenção da América na Guerra. Encosto-me atrás na cadeira e respiro de alívio por ter conseguido livrar-me de um sermão em frente a toda a gente. Sinto alguém tocar-me no ombro e rapidamente volto-me para trás. Um rapaz de cabelos castanho-claros olha-me com um sorriso e levanta o polegar como que a concordar com a minha resposta. Fico um pouco confusa a olhar para ele, mas agradeço baixinho e volto a olhar para a frente, fingindo ouvir o professor. O mais estranho é que acho que o conheço de algum lado, mas, por mais voltas que dê à cabeça, não consigo lembrar-me de onde.

A aula termina pouco depois. Levanto-me calmamente para arrumar as minhas coisas e me preparar para ir à biblioteca adiantar um pouco da dissertação deste módulo. O rapaz de há pouco desce do seu lugar e para à minha frente com as mãos nos bolsos das calças de ganga escura.

— Emma? — Olho para ele e o seu rosto parece tão confuso como o meu. *Como é que ele sabe o meu nome?* — Pensei que te ias lembrar de mim,

estivemos juntos há uns meses, depois de uma festa em casa da Hilary? — *Oh, não!* O olhar de coração partido com que Jack me encara dá-me vontade de rir e ao mesmo tempo chorar de vergonha. Se houvesse um buraco no chão, com certeza eu enfiava-me nele para nunca mais sair.

— Eu acho que fui bastante clara contigo depois do que aconteceu — afirmo enquanto o tento contornar para sair do auditório. A sua mão agarra o meu braço e o meu corpo enrijece. *Ele não acabou de fazer isto.* — Agradeço que me largues se fazes o favor. — Fulmino-o com o olhar, o que o faz largar-me automaticamente.

— Desculpa, mas... — Ele faz uma pausa e suspira fundo. — Pensei que talvez pudéssemos ir jantar ou tomar um copo? Emma, quero conhecer-te melhor. — Reviro os olhos já um pouco cansada de me explicar. Eu não quero nada mais com ele, foi apenas uma noite.

— Jack, não voltes a falar comigo, por favor. Desculpa, mas não há hipótese de coisa nenhuma. — Rapidamente viro costas e saio da sala a correr. Preciso de chegar à biblioteca o mais depressa possível. Não consigo evitar sorrir ao pensar no que acabou de acontecer, mas também me questiono do porquê de eu ser assim. Jack é bonito e foi por isso que quis estar com ele naquela festa, mas nem ele nem nenhum dos homens com quem estive ultimamente me conseguem atingir emocionalmente, por muito bons que sejam na cama.

Vou caminhando pelo corredor agora num passo mais lento. Olho para trás algumas vezes para ver se ele me segue, mas acho que a mensagem foi clara o suficiente para o fazer desistir. Vou passando o dedo pelo ecrã do telemóvel a ver as últimas publicações nas redes sociais quando alguém esbarra no meu ombro bruscamente, quase deitando o meu telemóvel ao chão. Inspiro com alguma força e rapidamente viro-me para trás para ver quem foi o responsável pelo acidente quase fatal à vida do meu *smartphone*.

— Ei! — exclamo de forma rude. A rapariga de cabelo castanho-escuro vira-se rapidamente de olhos arregalados e pronta a pedir desculpa. Quando observo bem o seu rosto, a minha mente viaja até memórias do meu passado, para uma amizade que há muito foi perdida.

— *Ce n'est pas possible!* Emma? — pergunta uma voz feminina leve. Ficamos a olhar-nos uns momentos, ambas ainda confusas sobre se somos quem realmente pensamos ser.

— Courtney? — questiono, calmamente, talvez com algum receio de que a resposta seja negativa.

Passaram-se tantos anos desde a última vez que a vi. Tanto aconteceu,

tanto eu como ela mudámos imenso. Ela começa a abanar com a cabeça afirmativamente. Olhar para a minha amiga momentaneamente lavou todas as más memórias dos últimos anos. Tudo aquilo que eu sempre desejei poder partilhar com ela passou pela minha cabeça e senti como se estivesse a viver tudo novamente. Soltamos num suspiro em uníssonos enquanto nos encontramos num abraço apertado. É estranho vê-la novamente, principalmente aqui no corredor da Columbia, depois de tantos anos. Quando nos afastamos, continuo a olhá-la boquiaberta.

— O que é que estás aqui a fazer?! — exclamo ainda com um sorriso bem rasgado no rosto.

— O mestrado em Psicologia! Tirei a licenciatura em França, mas decidi voltar. — O seu sotaque é um pouco carregado pela influência francesa na sua vida. Nota-se perfeitamente que não deve ter voltado há muito tempo. O seu rosto continua igual, os largos olhos castanho-claros que complementam o cabelo escuro, a pele ligeiramente morena...

— E tu? — pergunta-me calmamente.

— Mestrado em História, último ano. — Em criança sempre disse que seria advogada como John, por isso percebo a rosto confuso de Courtney ao ouvir que não foi esse o meu caminho.

A conversa é um pouco constrangedora. Quando ela foi embora, ainda não havia redes sociais, praticamente não havia telemóveis e mesmo que houvesse, nós éramos demasiado novas para ter um, por isso, quando uma pessoa mudava de país tínhamos de assumir que nunca mais a íamos ver. Não é possível voltar automaticamente à amizade que tínhamos. Afinal ambas passámos por experiências que nos definiram enquanto pessoas nos últimos anos. Éramos apenas crianças quando deixámos de nos ver e não se pode comparar uma pessoa de doze anos com uma de vinte e cinco.

— E os teus pais como estão? Não me lembro da última vez que vi a tua mãe, mas lembro-me de ver o teu pai quando te foi deixar ao restaurante no teu aniversário. — O meu corpo estremece apenas com a menção dessa noite. Engulo em seco e tento recompor-me para lhe responder convenientemente.

— Estão na mesma. Nada mudou. — Não minto, mas também não partilho a verdade. Courtney franze a sobrancelha e fica a encarar-me uns momentos. É impossível que ela se lembre bem deles, e, aos olhos da população geral, eles são uma espécie de exemplo de tudo o que um casal deve ser — perfeitos.

— Certo... — Não sabemos o que dizer, ficamos apenas paradas no

meio do corredor a olhar para os nossos próprios pés. A Courtney suspira e coloca a mão sobre o meu braço. — E que tal irmos tomar um café? O corredor não é sítio para falarmos! — exclama alegremente.

Apenas concordo com um aceno e caminhamos até ao café tipicamente nova-iorquino que está em frente à universidade. Depois de pedirmos, Courtney começa a contar-me algumas histórias sobre as suas aventuras em França e logicamente a conversa foi dar ao sexo oposto. Não é algo que eu queira falar, mas qualquer tema é melhor do que o da minha família, por isso ouço atentamente tudo o que ela tem para dizer:

— O Robert foi o último namorado a sério que tive. Foi mesmo incrível encontrar um americano na universidade em Paris. Antes dele, namorei sempre com franceses mas deixa-me que te diga, eles são uma porcaria na cama. — Olho para ela algo constrangida com o seu comentário e tento esconder o choque com um sorriso e um gole rápido no *cappuccino*. — Então e tu? Homens? Como vai isso? — pergunta-me. Encolho os ombros pois não há muito que lhe possa contar, nunca tive nenhum relacionamento como o que ela descreveu.

— Nada de especial. Tive um namorado aos dezassete anos que durou uns meses. Na altura foi o suficiente para o deixar tirar-me a virgindade. Depois disso apenas coisas casuais — revelo, fazendo os seus olhos arregalar de surpresa. Já suspeitava que ela fosse reagir assim.

— Tu não estás com ninguém a sério desde os dezassete anos, Emma? Não deve ser por falta de procura! — A sua expressão estupefacta faz-me sorrir. Olho em redor, tentando encontrar as palavras, mas nem eu mesma sei explicar esta falta de atração emocional que não me deixa ter nada sério com ninguém.

— Alguns bem que tentaram ter algo mais. Levavam-me flores e queriam levar-me a jantar, mas ninguém me chamou a atenção. Se calhar devia começar a pensar ir para freira. — O seu rosto fica pensativo. Por momentos achei que o meu comentário tivesse alguma piada, mas parece que a fez lembrar de algo. Courtney começa a remexer na colher de bambu do café como se estivesse a procurar coragem para perguntar algo.

— Sabes que estou a tirar Psicologia, *oui*? — Engulo em seco e volto a beber um pouco do meu café. Eu sei até onde esta conversa está a ir e isso não me agrada nada.

— Sim, a tua mãe também é psicóloga, não é? — Courtney acaba rapidamente o seu café e empurra a chávena para o lado, apoiando os braços sobre a mesa, enquanto diz que sim com a cabeça.

— Sim, somos as duas. Ela conseguiu abrir um consultório em Portugal, por isso é que eles voltaram para lá e eu vim para aqui acabar os estudos — diz sem olhar diretamente para mim. Tenho de continuar a desviar a conversa o mais possível, mas antes de me deixar falar, a Courtney continua. — É só que não consigo evitar achar que, se calhar, há alguma coisa que esteja a causar essa tua maneira de pensar. — Acabo também o meu café e fico a olhar para a chávena um momento à procura da melhor resposta para lhe dar.

— Não é nada disso, acho que simplesmente ainda não apareceu ninguém interessante. — Olho para ela e tento ler a sua reação. Não a parece ter convencido nem um pouco, mas ela limita-se a encolher os ombros.

— Pois talvez tenhas razão, de certeza que um dia destes aparece um homem que te vai levantar os pés do chão. — Forço um sorriso mas rapidamente sou distraída pelo som do meu telemóvel a tocar.

— Desculpa, é o meu irmão — digo-lhe.

— *Allez!* — exclama. O meu francês é extremamente limitado, mas pela expressão dela entendo que me está a dar licença para atender a chamada.

Antes de atender, reparo nas horas e já são quatro da tarde. Eu e a Courtney estivemos horas neste café e nem me apercebi de que já tinha passado tanto tempo. Supostamente o James devia estar em aulas, por isso estranho a sua chamada:

— James Montgomery, estás a faltar às aulas? — digo-lhe, mal atendo.

— *Achas que eu algum dia falto às aulas?* — responde, um pouco indignado com a minha pergunta. Reviro os olhos. Já devia saber que ele não ia aceitar uma piada.

— Então, o que é que queres?

— *Emma, já te esqueceste de que hoje é o jantar de Natal da firma do pai? O Parker veio buscar-me para eu ir para casa arranjar-me.* — Eu já nem me lembrava de que estávamos quase no Natal quanto mais lembrar-me da festa.

— James, eu não vou à festa, porque é que me interessa saber quando é? — Ouço-o suspirar do outro lado da linha. Todos os anos me tenta convencer para ir com eles, mas eu não quero. Isso implicava fazer de conta que quero saber do John para alguma coisa.

— *Não vou insistir para vires, mas eu cheguei agora a casa e o pai perguntou por ti, acho que está à tua procura mas não te quer telefonar...*

— Ele não telefona porque sabe que eu não atendo. — Olho rapidamente para a Courtney para ver se ela percebeu a quem me estava a referir.

É óbvio que percebeu, o seu olhar analisador não deixa esconder que está a ouvir tudo com muita atenção.

— *Não sejas assim! Tu hoje de manhã prometeste-me que não ias arranjar problemas. Vem para casa, por favor.* — Desencosto o telefone da orelha apenas para poder bufar o mais alto possível sem fazer o café inteiro olhar para mim.

— James, tu tens muita sorte por eu te adorar. Já vou para casa, OK? Não me pedes mais nada o resto da tua vida, combinado? — Ele ri-se alto do outro lado da linha, o que me faz também sorrir.

— *Não prometo nada! Até já!* — Ele desliga-me a chamada antes de me dar tempo para responder. Guardo o telefone na carteira e agarro o meu casaco enquanto olho para a Courtney um pouco triste por ter de a deixar tão cedo.

— Desculpa, Courtney, o meu irmão precisa que eu vá para casa. É a festa de Natal da empresa do... — Engulo antes de continuar a frase. — ... meu pai, deve precisar de alguma coisa. Combinamos qualquer coisa no fim de semana? — Ela agarra as suas coisas e prepara-se para sair também.

— Claro! Depois eu mando-te mensagem — diz-me, enquanto escreve rapidamente o número num guardanapo que me entrega. Esboço um pequeno sorriso e sem saber bem o que dizer viro costas para caminhar até à porta com ela. — Ah, é verdade!

— Sim?

— Vê lá se conheces algum advogado jeitoso na festa e te deixas de coisas. — Ambas desatamos a rir, mas mal ela sabe que eu estou simplesmente a preparar-me para ficar em casa enquanto o resto da família sai.

Não é normal o John andar atrás de mim e mandar o James ligar-me para eu ir para casa. Com certeza é mais uma das suas tentativas anuais de me convencer a ir com eles, todos os anos é igual, mas eu acabo sempre por ficar em casa. Porque havia eu de querer passar uma noite rodeada de advogados chatos e enfadonhos e ainda por cima ter de fazer de conta que tenho orgulho no John? Mais vale começar já a pensar nas mil e uma desculpas possíveis para me escapar a isto novamente.